

Salvador fecha trimestre com 1.051 vagas

EMPREGO No primeiro trimestre deste ano, 1.051 empregos formais foram gerados no município de Salvador, segundo dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), divulgados pelo Ministério do Trabalho e Emprego. O número representa um alívio para a economia soteropolitana que, no mesmo período de 2017, registrou a perda de 5.415 postos de trabalho.

O setor de serviços despontou como principal vetor

da retomada na geração de empregos no trimestre. Já com o montante acrescido do número de trabalhadores informais, o setor registrou 1.911 postos criados, seguido da construção civil (450 vagas), serviços de utilidade pública (364), administração pública (247) e indústria de transformação (20).

“A criação de 1.051 empregos formais é um resultado excelente, sobretudo em relação ao ano anterior, quando tantos postos for-

mais foram perdidos. O Comércio, entretanto, figurou entre os setores que mais perderam postos de emprego, muito provavelmente um reflexo do ajuste nas contratações temporárias realizadas no ano passado”, destacou o titular da Secretaria Municipal de Desenvolvimento e Urbanismo (Sedur), Sérgio Guanabara.

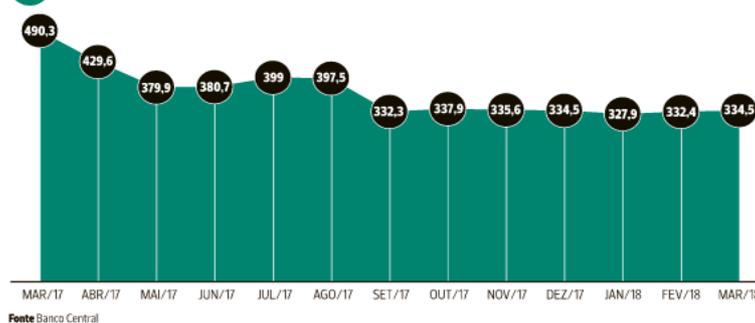
O secretário atribuiu ainda o crescimento na geração de empregos formais às ações do programa Salva-

dor 360, implantado entre o segundo semestre de 2017 e o início de 2018. “A retomada se dá gradativamente e tende a crescer cada vez mais, a partir dos investimentos públicos e privados em setores como a construção civil, em projetos como o novo Centro de Convenções de Salvador, por exemplo. A expectativa é de um crescimento ainda maior a partir do segundo semestre deste ano”, concluiu Guanabara.

JURO DO CARTÃO DE CRÉDITO SOBE NO MÊS DE MARÇO

SEU BOLSO Os juros médios cobrados pelos bancos no cheque especial e no cartão de crédito rotativo registraram alta em março, informou ontem o Banco Central. A taxa média do cheque especial passou de 324,1%, em fevereiro, para 324,7% ao ano em março. No ano, a elevação é de 1,7 ponto percentual. Já o juro médio do cartão de crédito rotativo subiu de 332,4%, em fevereiro, para 334,5% ao ano em março.

JURO DO CARTÃO DE CRÉDITO (EM %)



INDICADORES

CÂMBIO

	Compra	Venda
Dólar Comercial	R\$ 3,4764	R\$ 3,4769
Dólar Turismo	R\$ 3,4600	R\$ 3,6200
Euro turismo	R\$ 4,1870	R\$ 4,3800

BOLSA

Índice	Pontos	Varição
Ibovespa	86.381,99	+157,5

POUPANÇA

27/04/2018	0,3715 %
------------	----------

SALÁRIO MÍNIMO

R\$ 954,00

INFLAÇÃO

	Março	Ano	12 meses
IPCA/IBGE	0,09%	0,70%	2,68%
INPC/IBGE	0,07%	0,48%	1,56%
IGP-M/FGV	0,64%	1,47%	0,20%

NOVAS REGRAS

Crédito O Conselho Monetário Nacional (CMN) aprovou ontem novas mudanças que devem ter reflexo nos juros cobrados pelas operadoras de cartões de crédito. Entre as medidas está o fim da exigência de pagamento mínimo de 15% da fatura para o cliente entrar no chamado rotativo regular. As mudanças entram em vigor em 1º de junho.

miriam leitão

blogs.oglobo.globo.com/miriam-leitao/

Estava escrito nas estrelas que este ano seria o da volatilidade cambial, por ser ano eleitoral, e estarem em disputa projetos políticos diferentes entre si, mas todos mal formulados. Além disso, houve um alinhamento de planetas provocado pelo fator Trump. Ele adota medidas econômicas e faz ameaças políticas que podem levar à alta dos juros nos EUA. Isso afeta a cotação do dólar, que ontem caiu, após subir por cinco pregões.

Não é surpresa, portanto, esse período de variações do dólar, e a volta ao patamar mais elevado desde 2016. Se essa vai ser a eleição com a maior taxa de incerteza que o país já teve desde a redemocratização, seria estranho se não houvesse volatilidade. Mas há um detalhe importante: a incerteza é maior, mas as condições concretas do Brasil, na área cambial, são melhores do que em qualquer outro tempo de estresse político.

O Banco Central tem os instrumentos para evitar exageros de cotação. Por definição, o câmbio de livre flutuação, o BC não tem que defender um valor específico para a moeda, mas ele pode atuar para evitar excessos que desorganizem. Nunca antes houve tantas reservas cambiais,

Volatilidade prevista

1 ANO ELEITORAL

Esperado em ano eleitoral, câmbio volátil é potencializado pelas ações de Trump nos EUA

2 CANDIDATOS

Internamente, a incerteza vem das propostas opacas dos candidatos e de um STF conflituoso

3 DEFESA

País se defende com reservas de US\$ 380 bi, inflação pequena e baixo déficit em transações com mundo

US\$ 380 bilhões, e isso é meio caminho andado. O outro meio caminho também temos: o Banco Central, desde a chegada de Ilan Goldfajn, reduziu muito a exposição ao dólar futuro, resgatando os contratos de swaps. Pode agora voltar a oferecê-los. O déficit em transações correntes, que estava em 4,5% do PIB em meados de 2015, está agora em 0,38% do PIB, ou seja, praticamente em equilíbrio. Ontem saíram dados mostrando superávit em março e o BC avisou que haverá novo resultado positivo em abril. A balança comercial tem gerado saldos recordes. E a inflação, há nove meses abaixo do piso da meta, tem espaço suficiente para acomodar qualquer choque provocado por alta do dólar.

E que bom que a economia criou todas essas reservas e amortecedores porque a tendência será continuar o sobe e desce da moeda, a partir das muitas dúvidas que cercam essa campanha. Os projetos dos possíveis postulantes não foram sequer formulados. O mercado, que gosta de divisões simples de campo de pensamento, acha que há dois cenários, o da eleição de um candidato populista, em que iria tudo para o vinagre, e outro de vitória de um candidato reformista, que salvaria a pátria.

Tudo é bem mais confuso do que a vã filosofia dos cenários de mercado. Há, na disputa eleitoral, posições extremadas, sem qualquer substância concreta. São radicais sem causa.

Há candidatos que se definem apenas por oposição ao outro, mas não dizem o que defendem e como vão enfrentar os muitos impasses brasileiros. Há os que já estiveram no poder, mas se comportam como noviços puros, sem qualquer relação com os erros passados, e prometendo mudar tudo. Há outros que se transmutam para o ideário de conveniência, mas que têm toda uma vida com atos e palavras no sentido oposto ao que dizem agora defender.

Então, mais do que ter dois cenários opostos — o bom e o ruim — o que se tem é a opacidade de todos os cenários, o que eleva muito a incerteza. A cada volta da pesquisa de opinião, ou da opinião expressa por um dos contendores vistos como com-

petitivos, o dólar pode subir ou descer. Como se tudo isso não bastasse, o Brasil tem uma Justiça cujo poder supremo é idiosincrático, inesperado, conflituoso. A uma decisão de turma tudo pode mudar repentinamente, como ocorreu esta semana.

As decisões do presidente americano incluem um ingrediente de instabilidade para o valor de todas as moedas. É por isso que, desde a quarta-feira da semana passada, o dólar subiu em relação à moeda de todo o mundo, com o real acumulando perdas de 2,74%, uma das maiores no período, informa a corretora Mirae. A cotação tem subido porque o governo Trump está expandindo o déficit orçamentário e reduzindo impostos para aquecer o consumo num momento de baixo desemprego. E está elevando as barreiras ao comércio. Isso aumenta os temores de inflação e de alta dos juros. As ameaças ao acordo com o Irã estimulam a alta do petróleo que, também por outros motivos, está ocorrendo. Esse cenário internacional fortalece a tendência de volatilidade que já estava dada por ser um ano de eleição e com cenários de muita imprevisibilidade.